



# A sibila

Agustina Bessa-Luís

---

## O enredo

A história narrada em *A sibila* pode ser entendida como uma longa retrospectiva da vida de Quina e sua família, a partir do momento em que sua sobrinha Germa (Germana) a recorda, ao conversar com o primo Bernardo Sanches, na sala da casa da Vessada. Assim, a ação começa e acaba no mesmo espaço, com as mesmas personagens em diálogo.

Balançando-se na velha "rocking-chair" de Quina, Germa recorda-se dela com saudade e nostalgia, apesar das desavenças e incompreensões que muitas vezes estiveram presentes na relação das duas:

"[...] Mas, na verdade, Germa nem sequer pensava nele. [...] Preferiu, portanto, ignorar que Germa estava nesse momento totalmente desligada e ausente de si, e que subitamente o ambiente ficara repleto doutra presença viva, intensa, familiar, e que aquela sala [...] se enchia duma expressão humana e calorosa, como quando alguém regressa e pousa o olhar nos antigos lugares onde viveu, e o seu coração derrama à sua volta uma vigilante evocação. E, bruscamente, Germa começou a falar de Quina.

"Era em Setembro, e a casa, temporariamente habitada, expulsava o seu caráter de abandono e de ruína, [...]. Desde a morte de Quina, nunca mais a casa tivera aquela emanação de mistério grotesco ou ingênuo; [...]. Ah, Quina, tão estranha, difícil, mas que não era possível recordar sem uma saudade ansiada, quem fora ela?"

A narrativa se volta para o nascimento de Quina — Joaquina Augusta —, segunda filha do matrimônio de sete anos de Maria da Encarnação e Francisco Teixeira, pois os primeiros filhos concebidos não haviam sobrevivido aos jejuns da mãe, em seu desespero por ter como marido o maior conquistador da comarca. Os pais de Quina haviam-se casado secretamente e Maria permanecera no lar paterno, o que iludira, por certo tempo, as muitas pretendentes de Francisco, entre as quais as próprias irmãs da mulher. Um dia, Maria sai da casa dos pais e vai para a casa da Vessada, assumindo sua posição de esposa.

Francisco era vinte anos mais velho que Maria. Ela o conhecera quando tinha nove anos e apaixonara-se por aquele homem de quem as irmãs falavam, "corando só de lhe pronunciar o nome". Numa tarde, Maria ficara impedida de pular um córrego, por causa da enchente, e Francisco a ajudara, levando-a para a casa do pai. Lá, espreitado pelas moças do lugar, dissera, ao se despedir: "— Ora acautelem-me lá esta rapariga, que é com ela que eu vou casar... Adei...". Casaram-se onze anos depois. Francisco morre muito antes de Maria, que vive uma longa vida, sempre exigindo de todos respeito à memória do marido.

A vida aventureira do marido, suas várias conquistas e o desapego ao trabalho levam Maria a muitas crises de desespero e jejuns, o que a faz perder os primeiros filhos. A amiga Narcisa Soqueira aconselha-a a comer antes de o marido voltar para casa. Um ano depois, nasce Justina (Estina), a primeira filha a vingar; depois de Quina, seguiram-se três filhos homens, o último batizado, "por um lapso de registro ou como fora em tempos costume, com o sobrenome da mãe". Um deles, Abílio, morre ainda moço, ao voltar do Brasil, aonde fora buscar fortuna; João se casa e vende sua parte na propriedade para Quina; Abel enriquece, desinteressando-se da terra. Ironicamente, o único filho homem a deixar descendência é justamente o que tem o sobrenome da mãe, como se isso fosse uma compensação para as traições sofridas por Maria.

Enquanto Estina, a filha mais velha, recebia da mãe a preferência e uma educação esmerada, entre o pai e Quina se foi desenvolvendo uma relação de cumplicidade que o levou a protegê-la muitas vezes; ela o amava com verdadeira devoção. A madrinha de Quina era Balbina, mentirosa por vício e irmã de sua mãe;

algumas vezes ela convidava a sobrinha para passar um tempo com ela, mas sempre na época do trabalho com a terra, como as sachas e as esfolhas.

Aos poucos, a narrativa se torna mais abrangente, e o narrador apresenta histórias de outras personagens, entre as quais:

- Isidra, uma das amantes de Francisco, com quem tem um filho, enfeitado por ela e amparado pelo pai. Já velha, acaba casando-se com um magistrado.
- Elisa Aida, também afillhada de Balbina e que se casa com um tio que ficara rico no Tucumán, tornando-se mais tarde uma fidalga, a condessa de Monteros. Esta é uma das personagens que marcam a vida de Quina.
- José do Telhado, ladrão, amigo de Francisco, pai de Quina, o qual o abrigava.

Francisco, esbanjador e pouco afeito ao trabalho, acaba levando a família e a casa a dificuldades financeiras. Continuava gozando de grande prestígio junto às mulheres; se amores antigos acabavam, eram logo substituídos por outros. Maria passa, assim, por novos dissabores com o marido, que corteja até as criadas de casa.

Mesmo assim, ela castiga a quem se atreva a falar mal dele.

O filho de Narcisa Soqueira volta rico do Brasil e tenta "desferrá-la das privações e canseiras de muitos anos", levando-a a vários lugares e apresentando-lhe os privilégios da boa mesa e das diversões. A mãe, no entanto, só se queixa, ao voltar a sua terra, de "sua vida aperreada nos hotéis, onde se chegava a oferecer para ajudar as criadas, no terror de estar inactiva". O filho volta ao Pará, deixando-lhe o bastante para viver com folga, mas ela retoma à vida miserável de antes.

Influenciado por essa riqueza, Abílio — que conta pouco mais de treze anos — resolve ir também para o Brasil, mas volta doente e morre em seguida. Um pouco depois morre também Francisco e a família sofre sua perda, mas "um grande suspiro de alívio também se fazia presente junto com a dor". Sua memória é cultivada com carinho, e o filho bastardo que tivera com Isidra é recebido pelos outros, como uma forma de reverenciar sua lembrança. Estina, "no fundo de seu coração", sente raiva, porque o pai a deixara sem dote, e ela não pôde casar-se com o homem que amava, Luís Romão, que era elegante e bonito. Quina não teve melhor sorte: cortejada por Adão, aconselha-o a casar-se com outra.

Com cerca de quinze anos, "já antes da morte do pai", Quina adoecera e ficara presa à cama por um ano. As pessoas achavam que ela ia morrer e "choravam-na muito, atrás das portas". Aos poucos, as mulheres começam a pensar que havia alguma coisa de sobrenatural com ela e até a mãe passa a tratá-la melhor, com carinhos e atenções que levam Quina a pensar que poderia tirar proveito da situação: "A doença fez-se invalidez, estorvo para o regresso à vida normal que a devolveria à mediocridade e à sombra; adquiriu uma forma de se expressar sibilina<sup>(\*)</sup> e delicada, que deixava suspensos os ouvintes, as almas estremecendo numa volúpia de inquietação, curiosidade e esperança." Várias pessoas visitam Quina, entre elas o tio José, único irmão homem de Maria, com as filhas. Muito aos poucos Quina volta a andar e retorna à vida normal, embora com fragilidades e caprichos deixados pela doença.

"Era a primeira a auscultar uma conduta estranha, um gesto, uma palavra que não se previram, um passo que fugiu do equilíbrio, [...]. O imponderável nas criaturas era para ela motivado pela influência de espíritos favoráveis ou malignos, sombras manifestas do além. [...] depressa adquiriu uma sabedoria profunda acerca de todos os ritmos da consciência, do instinto, das forças telúricas que se conjugam no fatalismo da continuidade. Conhecia os homens sem o aprender jamais. [...]"

Adivinhava-lhes os pensamentos, mesmo antes de ela os poder raciocinar. [...] Aos poucos, foi ganhando títulos de adivinha, de mulher de virtude, que nunca repudiou completamente, ainda que lhe repugnasse ser equiparada a qualquer explorador de ingenuidades brancas."

A enteada de Narcisa Soqueira, auxiliada e guiada pela madrastra, casa-se "bem em Romfe, com um pachola, destes que ponderam todos os passos..." e recebe de presente de Narcisa um cordão de três voltas, pela alegria e alívio que aquele casamento lhe dava.

A economia da casa da Vessada vai "ganhando folga", graças a um severo controle de gastos e muita disciplina. Os rapazes, assim como o pai fizera, deixam o trabalho a cargo das mulheres, que assumem toda a responsabilidade, como sempre. Estina faz um casamento conveniente para a família, mas não para ela: o marido, Inácio Lucas, é hipocondríaco e suspeita de que todos o roubam. Vai viver em Morouços, "sítio não distante", e sua vida é marcada por muitas tristezas, permanecendo, ela e o marido, como estranhos, quase inimigos, a se suportarem mutuamente, até a velhice. Os dois filhos varões morrem por causa da brutalidade do pai, mas Estina não abandona seu lar, para não desonrar sua família; permanece lá, a criar a filha, que também acaba morrendo. Apesar de tudo, Inácio Lucas a amava e diz, já velho, quando ela morre: "A malquerença dela era tudo o que eu tinha; e enchia-me a vida". Casa-se com outra, mas nunca esquece Estina, nem parece interessar-se por mais nada.

Com o casamento de Estina, Maria e Quina tornam-se unidas por um forte sentimento de colaboração; aos poucos a casa da Vessada passa para as mãos de Quina, considerada "senhora absoluta dentro daquele pequeno reino". É uma época feliz para ela, que passa a ser considerada rica e começa a ser mais respeitada. O tempo passa e ela não se casa, mas mantém contato com seu "antigo candidato", que, mesmo tendo casado com outra, como ela previra, vem visitá-la sistematicamente e mantém com ela uma relação de respeito e confidências a qual a compensa de nunca ter tido o seu homem. Torna-se determinada a enriquecer e dar prestígio a si e a sua casa. O irmão João se casa com uma mulher feia e de aparência desagradável, que, quando vem à casa da Vessada, é recebida friamente pela mãe e pela irmã. O outro, Abel, chega a casa aparentando riqueza e luxo, mas pouco se sabe dele, que parte novamente, sem se despedir "com grandes e penalizados adeuses".

Mais uma vez Maria e Quina ficam sós. A visita de Abel tinha, no entanto, proporcionado a Quina algo que ela nunca tivera: ser aceita na sociedade. Passa a freqüentar certas casas fidalgas e torna-se indispensável na vida de algumas mulheres desse meio. Chamam-na "a sibila" e pedem-lhe conselhos, fazendo dela a confidente predileta. A condessa Monteros, Elisa Aida, agora viúva, é sua "adepta mais exigente". Aos quarenta anos, Quina tem uma legião de pretendentes como nunca conseguira na juventude. Gosta mais de ser respeitada do que de ser amada, e sente mais prazer nas honras que recebe como proprietária do que nos elogios que lhe fazem como mulher. Num dia de chuva, ela e a mãe recebem um postal comunicando o nascimento de Germa, filha de Abel, a qual só vêm a conhecer dois anos depois. Recebem-na "com hostilidade afável" e acham-na parecida com as mulheres da casa da Vessada, porque é bonita.

Germa gosta de bonecas e Quina fabrica-lhe algumas, às escondidas de Maria, para que esta não a julgasse piegas. Tia e sobrinha "compreendiam-se bem demais, cada uma delas via na outra a sua própria personalidade, como num espelho". E assim, "a educação de Germa recebeu um tributo incalculável naquele convívio com os costumes do campo e da sua gente, principalmente das mulheres da Vessada", o que lhe aguçou o senso crítico e contribuiu para seu enriquecimento pessoal. A avó, "já velhíssima", inquietava-a, pois perdera o controle de suas faculdades mentais e, entre outras coisas, recusava-se a acreditar que o marido já tivesse morrido. Achava a tia esquisita e, muito nova, "não sabia que o que havia em Quina de contradição, incoerência, era o seu profundo conteúdo humano."

Maria morre numa primavera, aos noventa e quatro anos. No velório, Germa, embora se sinta incapaz de gostar de Estina, admira a beleza digna que ainda subsistia nela. Também acha bonita a filha de Estina, apesar da repulsa que lhe causava, por estar "doida e ultimamente alucinada". No fim do verão, Germa recebe uma carta da mãe, dizendo-lhe que volte para casa, mas vai com Quina a Morouços, pois a filha de Estina fugira. Germa acompanha-a e encontram Estina num canto do lar; o marido saíra à procura da filha. Quina reza ardentemente, fascinando Germa com seus modos e seu mistério. Voltam para a casa da Vessada e só um mês depois são achados os restos da louca. Germa volta a ver Estina dois anos mais tarde e constata, espantada, que a tia em nada mudara.

Quina adquire sua primeira propriedade e Germa vai com ela assinar o contrato de compra. Vem o período de sua adolescência, e ela passa longo tempo sem ir à Vessada. Elisa Aida, a condessa Monteros, morre, após um período de invalidez em que solicita a presença da "Sibila" a todo momento. Deixa ao

desamparo um escudeiro que, tempos depois, vai trabalhar para Quina. Após sumir por uma noite e um dia inteiro, o escudeiro aparece e conta para Quina, aos prantos, que uma prostituta que ele amava morrera, deixando-lhe um filho de quatro anos. Quina, aos cinqüenta e oito anos, respeitada e "com uma esbelteza de rapariga", já "perfeita no seu cargo de sibila, pois conhecia a alma humana de dentro para fora", recebe em casa o filho do escudeiro, adotando-o incondicionalmente.

Quina cria o menino "junto de si", sem permitir que o pai se considere com direitos sobre a criança, até que um dia o escudeiro parte e não volta mais, o que a deixa aliviada. Embora tivesse sido registrado como Emílio, o menino acabou sendo chamado apenas de Custódio, porque este era o nome usado pelo povo para referir-se a alguém antes do batismo. Aos poucos o garoto a conquista, fazendo-a sentir-se "imprescindível, suprema". Quando Germa a visita — enviada por Abel, para averiguar a verdadeira situação do menino na casa e a relação dele com a tia— alguns anos depois, percebe em Quina grande mudança: o amor por Custódio a dominava totalmente, e ela estava à mercê desse sentimento. Não desejava a sobrinha lá e, apenas dois dias depois, insinuou-lhe que devia partir.

Abel não gosta das notícias trazidas por Germa e procura, sem êxito, a ajuda do irmão João, que não quer ouvir falar de Quina. Esta, por sua vez, apesar de perceber em Custódio certas falhas de caráter, não o corrige, limitando-se ao papel de espectadora. Um dia, ao ser indagada sobre o que deixará para ele quando morrer, responde-lhe que já o criara e que lhe dá de comer; o rapaz reage espantado e deixa-lhe uma "punhalada" no coração. Quina começa a ter problemas de saúde e Adão, que continuava a visitá-la, aconselha-a a alimentar-se bem e a menosprezar os problemas da vida. No entanto, o comportamento de Custódio não lhe permitia tranqüilidade: torna-se amigo de um bando de malfeitores, presos algum tempo depois, e começa a passar dias fora de casa.

Quina tem pneumonia e melhora, mas a convalescença a desespera por causa do repouso a que tem de submeter-se. Nunca mais sua saúde será a mesma. Estina vem ficar com ela até passar o perigo. Não volta mais, mas sempre lhe manda muitos recados. Adão visita Quina e conversam sobre testamento; ela diz que já fizera o seu. Abel também a visita e quer levá-la para a cidade; Quina aceita e uma semana depois chega à casa do irmão. Demora-se pouco, mas Germa percebe o quanto a tia está fraca e envelhecida. Abel, interesseiro, sugere à filha que se aproxime de Quina, mas esbarra em sua forte personalidade. Quina vai para a casa de João, onde se sente mais à vontade e percebe que fora injusta no julgamento da cunhada. Três dias depois, volta às pressas para a Vessada, avisada de que Custódio estava doente, pois se descuidara durante a ausência dela. Quina revista seus esconderijos, mas não falta coisa alguma.

Durante todo o verão Quina anda de pé, ativa, interessada na vida e alheia à fraqueza de sua saúde. Dorme pouco e lembra-se com freqüência do pai. Custódio, agora aos vinte e quatro anos, assumira sua falta de caráter e introduzira em casa o "presságio das suas depravações", o que ela aceita, sem lutar. Uma noite, Quina se sente mal e, quando ele se recolhe, dá um jeito de chamá-lo. Aflito, ele começa a chorar, gritando: "— Vossemecê não morre, não morre!" Ela consegue afastá-lo de si e pedir-lhe que busque socorros.

Começara a agonia de Quina: a cada dia ela fica mais fraca. Da família, apenas Estina é avisada, e manda que Libória, a criada, passe a dormir na casa e a avise se a irmã piorar. Custódio, após o desespero inicial, tornara-se quase indiferente, e só volta a manifestar interesse quando Libória o provoca a respeito do testamento. A partir daí, o comportamento dele muda; abandona as saídas e torna-se totalmente dedicado às necessidades da casa: "Rondava Quina; nunca mais a deixou; passava horas espreitando-a pela folha encostada da porta, [...]" Ela, por sua vez, já não se envergonha de tratá-lo com ternura, quando ele se aproxima do leito. Apesar de sua consciência crítica, que a faz enxergar em Custódio um corvo como os outros que só esperavam sua morte para disputar seus bens, Quina o ama: "O espanto, a cólera e o amor faziam um só sentimento no âmago da sua alma."

O médico avisa que Quina só viveria mais uma semana, e Custódio assusta-se. Vai ao leito de Quina e suplica-lhe pela propriedade, alegando que só ele está cuidando dela e importando-se com ela. Quina, fiel ao sangue de sua família, responde-lhe que ele terá o que lhe competir, não a casa. No dia seguinte, ele volta, debruça-se sobre ela e beija-lhe a mão; Quina abençoa-o e ele sorri. Quando o médico volta e confirma

a gravidade do estado dela, Custódio retoma as súplicas para que ela lhe deixe tudo. Quina ouve-o quieta, embora esteja sofrendo interiormente fortes dores.

Ainda vive algum tempo, até que, após uma noite de vigília, finalmente morre.

Germa chega à Vessada logo depois de Estina. Continua a achá-la antipática, e sente apenas curiosidade quanto a Quina, que tem as mãos fortemente amarradas, pois já estava fria quando fora amortalhada. Depois do enterro, Germa encontra Custódio e conversa com ele, perguntando-lhe se ele tivera pena de Quina.

Orgulhoso da própria dor, ele responde afirmativamente.

O testamento indica Germa como herdeira absoluta dos bens da tia, com exceção de duas propriedades adquiridas depois da morte de Maria, as quais Quina deixava para Custódio. Apesar de aquilo representar uma herança considerável, ele não se mostra interessado, parecendo aceitar os rendimentos com desdém.

Custódio passa ainda algum tempo na Vessada, pois Germa não se anima a despedi-lo. Quando ele sugere atear fogo à casa para receber o dinheiro do seguro e construir uma nova no lugar, ela decide, enfim, instar para que ele vá embora, o que só consegue depois de insistir muito. Embora Estina lhe tenha arrumado uma habitação em Morouços, ele fica ali muito pouco tempo e volta à Vessada às escondidas. Numa última manifestação de afeto pela irmã, Estina, ao morrer no verão, ainda recomenda Custódio ao marido. Na verdade, a morte de Quina parecia tê-la afetado mais do que todas as tragédias de sua vida. Inácio Lucas fica só, "um velhinho de olhar vago e quase súplice"; casa-se depois de um ano com outra, uma velha parenta, e deixa, ao morrer, dúvidas sobre um possível suicídio.

Custódio é admitido no palacete da Água Levada como agregado a todos os serviços: não conseguia viver sozinho, embora dispusesse de meios para isso, com a herança que recebera. Precisava de um amo e, quando foi despedido, cometeu suicídio.

Dois anos depois, Germa, sentada na *rocking-chair* da sala da casa da Vessada, comenta a história macabra da morte de Custódio com Bernardo Sanches. Havia entre os primos grande entendimento, o que levava o povo a pensar que eram noivos; "ambos permutavam visitas pelo S. Miguel, quando vinham importunar os caseiros com novidades agrícolas e sugestões científicas para o fabrico do vinho." A conversa prossegue e, absorta, ela pensa em Quina. Fazia três anos que ela morreria, e Germa surpreendia-se, freqüentemente, pensando nela:

"Não tinham habitado juntas, e mesmo mutuamente se julgavam um tanto incompatíveis, separadas por grande disparidade de costumes, de educações e até por certas semelhanças de temperamento. Porém, Germa, aos poucos, fora achando como que revelações cintilantes em todos os fragmentos que reconstruía de Quina, e ela pareceu-lhe, por fim, como um ser raro e apaixonante."

A narrativa encerra-se, assim, retomando o momento inicial do romance, de maneira a sugerir um tempo circular. Germa, narradora em segundo plano, é sugerida como a personagem que poderia ocupar o lugar de Quina, mas que talvez não o consiga; há muitos "porquês", muitos "quês" e muitas condições de que se faz o destino:

"Eis Germa, eis a sua vez agora e o seu tempo de traduzir a voz da sua sibila. Talvez, porém, o seu tempo seja improdutivo e nefasto, e ela fique de facto silenciosa, porque — quem é ela para ser um pouco mais do que Quina e esperar que os tempos novos sejam mais aptos a esclarecer o homem e a trazer-lhe a solução de si próprio? Talvez ela fique de facto imóvel no seu constante, lento ou vertiginoso baloiçar, na casa que fortuitamente habita, e a sua história fique hermeticamente fechada no círculo de aspirações que não conseguiu detalhar e cumprir, porque aconteceu ser cedo ou ser tarde, porque não se compreende ou não se crê o bastante, porque se deseja demasiado e isto é todo o destino, porque... porque..."

---

## As personagens mais importantes

- **Quina:** protagonista da história, personagem esférica, redonda, complexa, modelada ao longo da narrativa, atravessa três fases:

- 1ª. fase: abrange do seu nascimento até os quinze anos e corresponde a uma vida dura, de muito trabalho na lavoura, com a mãe, autoritária, protegendo a irmã mais velha e o pai, embora seu aliado, a dedicar-se a uma vida de aventuras e conquistas;
- 2ª. fase: abrange desde o tempo em que Quina adocece, com cerca de quinze anos, — uma doença nunca totalmente explicada, mas que promoveu uma mudança cabal em sua vida e na relação com a mãe — até seus cinquenta e oito anos; corresponde ao seu apogeu como administradora do patrimônio da família e como sibila;
- 3ª. fase: a partir dos cinquenta e oito anos; é representada pelo tempo em que Quina passa a dedicar-se quase inteiramente ao filho adotivo Custódio e estende-se até o momento de sua morte.
- **Germa:** assim como Quina, é uma personagem esférica, redonda, modelada pelo narrador; sobrinha e herdeira universal de Quina, filha de seu irmão Abel, tem a formação de sua personalidade enriquecida pela convivência com a tia e as mulheres da Vessada. Cabe a ela agora assumir o lugar de Quina, tarefa que talvez não possa cumprir:

"Eis Germa, eis a sua vez agora e o seu tempo de traduzir a voz da sua sibila. Talvez, porém, o seu tempo seja improdutivo e nefasto, e ela fique de facto silenciosa, porque — quem é ela para ser um pouco mais do que Quina e esperar que os tempos novos sejam mais aptos a esclarecer o homem e a trazer-lhe a solução de si próprio? Talvez ela fique de facto imóvel no seu constante, lento ou vertiginoso baloiçar, na casa que fortuitamente habita, e a sua história fique hermeticamente fechada no círculo de aspirações que não conseguiu detalhar e cumprir, porque aconteceu ser cedo ou ser tarde, porque não se compreende ou não se crê o bastante, porque se deseja demasiado e isto é todo o destino, porque... porque..."

#### **Personagens planas:**

- **Maria da Encarnação:** mãe de Quina
- **Francisco Teixeira:** pai de Quina
- **Estina:** irmã mais velha de Quina
- **Abel, João e Abílio:** irmãos de Quina
- **Custódio:** filho adotivo de Quina
- **Condessa de Monteros:** aristocrática, amiga de Quina que a chamava de Sibila
- **Adão:** admirador e amigo de Quina, que chega a pedi-la em casamento
- **Bernardo Sanches:** primo de Germa, burguês, intelectual, medíocre e superficial

---

## Os dois narradores

A narração é feita por dois narradores, que se interpenetram e se completam. O narrador principal é onisciente — foco narrativo de terceira pessoa. É ele o narrador de primeiro nível, que controla a narrativa e a interrompe freqüentemente com cortes e digressões; seu ponto de vista é marcado por ironia devastadora e muitas vezes amarga.

Germa, sobrinha de Quina — a protagonista — é a narradora em segundo plano, personagem da obra e o que narra, parte de sua memória.

O cruzamento das duas vozes — os dois narradores — faz resultar um discurso narrativo fragmentado, descontínuo e digressivo, o que confere certa dificuldade à leitura da obra.

---

## A ação

A *sibila* é considerado um romance de personagem; porém, o primeiro plano da história é ocupado não apenas pela protagonista, mas também pela sua família. Assim, a história de Quina, desencadeada pela memória de Germa, no início do romance, logo dá lugar ao relato das vidas de Maria e Francisco, pais dela.

É a história da família, ainda, que serve de suporte para o entendimento da personalidade e do comportamento de Quina.

Por outro lado, sustenta a narrativa a observação dos valores e dos costumes do lugar onde a ação central se passa, principalmente: a Quinta da Vessada, numa aldeia de Entre Douro e Minho. Nesse sentido, merece destaque a fusão do aspecto regional com o universal (caráter de universalidade): os dramas vividos por Quina e pelas outras personagens são ambientados principalmente no campo, numa aldeia, e refletem as peculiaridades locais, mas assumem, gradativamente, dimensões gerais e transpõem-se para o plano do drama humano universal:

"Quina, exemplo de energias humanas que entre si se devoraram e se deram vida. Vaidade e magnífico conteúdo espiritual foram seus pólos; equilibrando-se entre eles, percorreu um extremo e outro da terra; venceu e foi vencida, sem que, porém, as suas aspirações mais inquietantes deixassem de ser, no seu íntimo, as mesmas formas incompletas, chave de transfiguração que os homens eternamente tentam moldar e se legam de mão em mão, como um segredo e como uma dúvida."

---

## O tempo

*A sibila* corresponde a um longo devaneio de Germa que, ao evocar sua tia Quina, traz à lume toda a história de sua família, principalmente através dos comentários do narrador onisciente, de primeiro nível.

Assim, o tempo da história remonta a 1850, ano do nascimento de Maria de Encarnação, mãe de Quina, e prossegue, de maneira descontínua, desordenada e fragmentada, por meio de digressões, elipses e interrupções, até 1953, ano da evocação feita por Germa. Trata-se, portanto, de um século de história, cuja evolução é marcada, ao longo da obra, por expressões como "...um incêndio por volta de 1870"; "Com nove anos Maria da Encarnação..."; "Onze anos depois casavam."; "Tinha vinte anos..."; "...havia cinco anos apenas" etc.

Somam-se ao tempo da história, ainda, o tempo psicológico — referente às vivências interiores, subjetivas das personagens (como a agonia de Quina e as reações internas de Custódio nessa fase) — e o tempo do discurso — que diz respeito ao trabalho do narrador com a narrativa.

---

## O espaço

O espaço físico, em *A sibila*, é centrado na Quinta da Vessada e sua circunvizinhança, inseridas numa aldeia de Entre Douro e Minho. Os valores rurais são claramente defendidos em *A sibila*, já que é numa aldeia campesina que reside Quina, a personagem central do romance. O espaço físico privilegia o campo, a Quinta da Vessada e suas áreas limítrofes; as referências ou incursões à cidade são marcadas por ironia e certo desdém. Quina detesta o ambiente urbano e sua forma de vida burguesa: lá residem os "traidores da ruralidade", a "raça de proletários que distinguem por si só uma época", cujos pensamentos e atitudes superficiais contrastam com a autenticidade rural.

O contraste entre a vida rural e a urbana faz surgir, na obra, uma visão dicotômica da realidade social: de um lado, os valores do campo, da terra; de outro, a artificialidade e os jogos de interesse presentes na sociedade urbana.

Embora os acontecimentos gravitem em torno da personagem central, delinea-se claramente na obra a caracterização de vários estratos: as mulheres (as matriarcas, as reprimidas, as solitárias) os maridos (repressores ou conquistadores), os aristocratas, os burgueses rurais, os marginais, os agiotas, os padres de aldeia etc.

Os monólogos interiores, os sonhos, as visões e reflexões refletem o chamado espaço psicológico. Em se tratando de Quina, esse espaço transparece sempre que ela se dá conta de seus estranhos dons espirituais e se acentua à medida que se aproxima o momento de sua morte.

## Comentários gerais

O romance *A sibila* define a grandeza literária de Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa-Luís, escritora portuguesa contemporânea, nascida em 1922, numa localidade — Vila Meã — a cerca de 50 quilômetros da cidade do Porto. A autora, de vastíssima obra — cerca de 50 publicações, — muito jovem se viu vocacionada para a arte literária. Dedicou-se de forma absoluta à leitura dos autores portugueses e de estrangeiros e ainda aos 16 anos escreveu um romance que não publicou. Mais tarde, novo romance, também não publicado.

A extensa obra da escritora referencia constantemente a cidade do Porto, onde reside, assim como suas cercanias, como fator de influência do meio na caracterização de suas personagens. Seu segundo romance, *Os Super-Homens*, ambienta-se em Coimbra.

Conquanto seja de *nossa época*, do ponto de vista cronológico, Agustina Bessa-Luís retoma influências do Romantismo e do Simbolismo, vindo ao Presencismo e ao Neo-Realismo, momento da literatura portuguesa em que a crítica a tem inserido.

Quanto ao Romantismo, sua técnica novelística aproxima-se da de Camilo Castelo Branco. Podem-se apontar, entre outros, os seguintes fatores comuns à obra de ambos:

- a localização de intrigas familiares na região nortenha;
- a confusão de paganismo e catolicismo;
- a importância dada a diferenças de natureza social, econômica e cultural entre a cidade e o campo;
- a atenção dada à credice, à ignorância, à rusticidade e à simplicidade de pessoas do campo;
- a frustração amorosa;
- a marginalização da mulher e dos enjeitados.

Sua tendência simbolista revela-se, entre outros dados, na transposição da poesia para o "tempo narrativo", à moda de Raul Brandão, de quem ela diz:

"É tão português, Raul Brandão, nesse contar e recontar de factos aparentemente inócuos, de buscar um gesto na anatomia que lhe é própria, que nos escondemos quase de sua sombra [...] A ternura, que é a fonte até dos mais vibrantes golpes, da sua aprendizagem da terra, penetra os livros de Raul Brandão (...) terna linguagem que é talvez o mais profundo e mais resistente de tudo o que escreveu [...]"

Se em Castelo Branco se busca a proximidade romântica de Bessa-Luís, tendo em vista o enredo que envolve a relação familiar, as relações sociais próximas, o entrecruzar-se da religiosidade — paganismo/catolicismo —, por outro lado, aproxima-se ela, sobretudo, de Raul Brandão, à medida que explora uma cuidadosa elaboração do discurso, assim como o lado trágico de suas personagens.

Entre os principais elementos que marcam a originalidade da autora em seu discurso e que se acham presentes neste livro, destacam-se:

- uma concepção particular, pessoal da ambiência da narrativa;
- a anfibologia na linguagem, marcada pela densidade e pela elipse;
- a fusão do aspecto regional com o universal (caráter de universalidade);
- sutileza e profundidade na sondagem do interior das personagens, cujas peculiaridades desvenda aos poucos;
- valorização da problemática das personagens, em detrimento dos fatos em si;
- abordagem da angústia existencial do homem, dos limites da condição humana;
- presença da verdade permanente, indiscutível da substância humana;
- busca da intemporalidade — menor importância do *chronos*.

## Atividades

Leia atentamente o fragmento abaixo, para responder às questões de 1 a 3:



“O romance *A sibila* tem como protagonista Joaquina, a Quina, mulher do interior de Portugal, forte, brava e lutadora, que vai, ao longo de sua vida, realizando suas conquistas e concretizando vários de seus sonhos e aspirações. No entanto, no plano afetivo, emocional, ela não parece ter-se realizado integralmente como mulher.”

1. Relacione a afirmação acima ao fato de Quina ter morrido solteira, na história.
2. O fato de não se ter realizado integralmente como mulher, de acordo com o fragmento, está também relacionado com a ausência de um filho?
3. Em que medida a não realização de Quina como mulher impediu seu relacionamento social?
4. Dê o significado da palavra “sibila” em relação a Quina.
5. “Parecia que Estina nascera para sofrer.”

Cite dois fatos da vida dessa personagem que comprovem tal afirmação.

6. Comente os efeitos do contraste entre a vida rural e a urbana, em *A sibila*.
7. Explique o trabalho com a narrativa em *A sibila*.
8. Em que momento da literatura portuguesa se insere Agustina Bessa-Luís, autora de *A sibila*?
9. Cite três grandes influências que se encontram na obra de Agustina Bessa-Luís.
10. Em que medida a obra de Agustina Bessa-Luís se aproxima da de Raul Brandão?